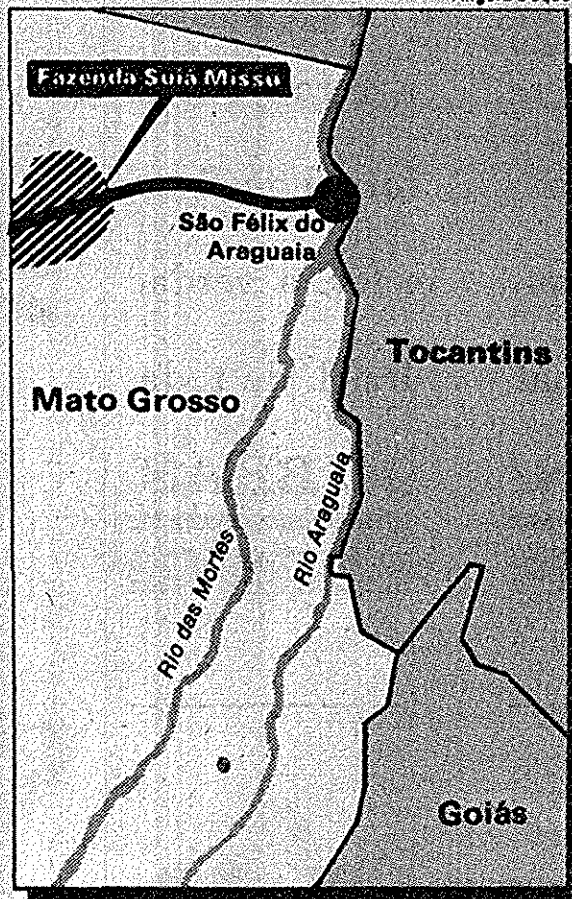


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Xavante 1114
Data: 31/05/92 Pg.: 14

Angela Duque



Saga de xavantes vai chegando ao fim

Empresa devolve terras de onde foram expulsos

Ronaldo Brasiliense

BRASÍLIA — Quando a Rio-92 estiver a pleno vapor, no dia 8, os xavantes finalmente vão receber a notícia que esperam há 25 anos: uma área de 170 mil hectares em São Félix do Araguaia (MT), de onde foram retirados à força para a implantação de uma fazenda de gado, lhes será devolvida pela ENI, holding italiana que controla a Agip Petróli do Brasil, atual proprietária da Agropecuária Suiá-Missú.

Uma delegação de xavantes, à frente o cacique Damião Paridzané, virá a Brasília para se encontrar com representantes da empresa italiana, enviados por seu presidente, Gabrie-

le Cagliari, que, pressionado pelas ONGs de seu país, decidiu — à revelia do presidente da Agip do Brasil, Renato Grillo — devolver aos índios parte do que lhes foi tomado.

“Nos levantamentos feitos na área da Suiá-Missú identificamos antigas aldeias e cemitérios xavantes”, adianta a antropóloga Iara Ferraz, do Centro de Trabalho Indígena (CTI), de São Paulo, e autora do dossiê que originou a campanha em prol dos xavantes na Itália. “O território tradicional dos xavantes estendia-se desde o Rio das Mortes até o Rio Xingu, incluindo portanto a fazenda, historicamente ocupada pelo subgrupo maráiwatsede, um grupo isolado, que raramente fazia contato com as populações regionais.”

A Suiá-Missú originalmente pertencia ao Grupo Ometto, de São Paulo, que obteve incenti-

vos da ordem de milhões de dólares para a implantação do projeto agropecuário. “Uma das primeiras medidas tomadas pelos Ometto, foi remover — com autorização da extinta Secretaria de Assistência ao Índio (Sassi) do Ministério da Agricultura e ajuda da FAB — os xavantes, cuja aldeia com 33 ocas ficava próximo à sede da fazenda”, recorda Iara Ferraz.

Em agosto de 1966, os xavantes maráiwatsede — 263 indivíduos — foram persuadidos a embarcar com todos os seus pertences em aviões da FAB e obrigados a se asilar numa área junto à Missão Salesiana de São Marcos. Em consequência da superpopulação, surgiram animosidades e graves problemas de abastecimento, além de animosidades. “Alguns dias após a transferência, uma epidemia de sarampo matou 83 do grupo.”

Os xavantes removidos passaram então a viver como nômades pelo Mato Grosso. Parte do grupo foi transferida para a área Couto Magalhães — hoje reserva indígena parabubure — e em seguida, para Areões. A partir de 1985, deslocou-se para o interior da área indígena Pimentel Barbosa, onde formou a aldeia Água Branca.

Calcula-se que hoje sejam mais de 700 xavantes espalhados por várias aldeias, mas oriundos e descendentes do grupo original. Os xavantes — que na década de 40 eram “selvagens que flechavam aviões que ousavam sobrevoar suas aldeias até então inexploradas” — somam hoje 6.500 pessoas distribuídas por 52 aldeias, em sete reservas, e vêm apresentando alto índice de natalidade.

Com o apoio da Funai e do CTI, antropólogos e sertanis-

tas iniciaram os contatos com o cacique Damião Paridzané, chefe de um grupo de 310 índios. “Queremos voltar para as terras de nossos antepassados e esperamos ser ouvidos dessa vez”, diz Damião, lembrando a lenda, passada de geração em geração:

“Naquele tempo, no século passado, essas terras tinham como líderes dois fortes índios: que se chamavam Butséwari e Pariuptsé. Com seus familiares, fundaram e construíram suas ocas para se esconder do forte sol e das frequentes chuvas. Esta aldeia se chamava Bo'u. Os invasores civilizados chegaram e fizeram os primeiros ataques com arma de fogo desconhecida pelos índios, que lutavam somente com arco e flecha e bordunas. Foi um choque: centenas de índios morreram e mesmo assim a resistência pelas terras continuou.”